

Filosofia Nacional

SILVA, Agostinho da. Filosofia Nacional.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 09 Mar. 1958.

De vez em quando se fica muito satisfeito quando se verifica estar-se cultivando qualquer ramo ou corrente de filosofia que de algum modo corresponde a movimento surgido e desenvolvido no estrangeiro; quando nos atinge a última espuma de vaga surgida bem ao largo, já nos parece que temos, excelentemente, cumprido o nosso dever e o nosso gosto de filosofar; somos vítimas de moda ou somos inconscientes de dependência intelectual daqueles meios que supomos mais cultos do que o nosso: mas tudo se passa como se nada mais houvesse a fazer; como se eternamente nos competisse ir a reboque de correntes estrangeiras. Aqui, como em muitos outros pontos, o mal tem sido o de ir atrás do que aparece vindo de fora, o que, de certo modo, procede de uma ignorância ou de uma desvalorização de tudo quanto a tradição nos legou.

É de facto curiosa a idéia com que se sai de um curso de filosofia, entre nós ou em Portugal, quanto ao que tem sido a atividade filosófica em língua portuguesa. Falam-nos de gregos e de franceses, de ingleses e de alemães e, quando muito, se citam os que em âmbito nacional seguiram ou divulgaram as correntes estrangeiras, na maior parte das vezes sem que se tome sequer o trabalho de pôr em relevo o que pode ter havido de original ou em certos pormenores de pensamento ou, mais importante, no ambiente geral em que a importação se desenvolveu; as cadeiras de história da filosofia são-nos quase, exclusivamente, de história da filosofia europeia, pondo aqui a América do Norte como um desenvolvimento da Europa; a pensadores nossos nem se alude; e nem, por outro lado, se levanta o problema da possibilidade filosófica de nossa gente.

Por aqui se deveria, creio eu, principiar. Um verdadeiro ensino de propedêutica filosófica deveria pôr a questão de saber se gente de origem portuguesa, ou de uma forma mais geral de origem peninsular, tem ou não tem vocação filosófica; se essa vocação filosófica não existe, então todo o ensino da filosofia em nossas terras estará condenado, até o ponto em que podemos prever história, a ser a crônica do que se passa no estrangeiro, talvez de algum interesse informativo, mas de nenhum valor cultural, porque neste ponto só vale a pena aprender aquilo que vai ser matéria de que faremos depois trabalho original; mas, se a vocação existe, então o primeiro dever do mestre é o de

trazer a claro as linhas essenciais da nossa atitude filosófica, de modo a que seja possível apreender traços de conjunto e guiar esforços de novas criações.

A primeira atitude é a de que efetivamente não existiu nunca em língua portuguesa ou ambiente português linha alguma de pensamento filosófico; o que explicamos logo facilmente, dizendo que somos, por natureza, líricos e narrativos e que, por conseguinte, não temos ambiente para que se desenvolva um trabalho do pensamento cujas características são exatamente a linha científica e a teoria do que outros narrariam. Esta idéia vem fundamentalmente de vários conceitos errados: o primeiro é o de se julgar que a literatura é o ponto fundamental da cultura de um povo; é certo que temos sido, em literatura, fundamentalmente líricos e narrativos, mas não é verdade que o tenhamos sido nem em política, onde se inventou o município e se teve a voluntariosa continuidade dos descobrimentos e das bandeiras; nem em arte, onde o ponto máximo, o dos Painéis de Nuno Gonçalves, é original, entre toda a arte do mundo, porque não é lírico nem narrativo, mas constitui uma teoria teológica da história nacional; nem nas técnicas, onde, por exemplo, a caravela se revelou o perfeito instrumento para a tarefa bem pensada e bem definida; nem nos arranjos sociais, onde o comunitarismo agropastoril daria ainda lições a teóricos do cooperativismo e do socialismo.

Infelizmente, a literatura tomou conta de nós, e a tal ponto que, ainda hoje, se confundem literatura e cultura, como herança daqueles séculos, o XVII e o XVIII, em que os absolutismos reais não permitiam qualquer outro gênero de manifestação intelectual nem forneciam ambiente para que fosse a literatura o que fora com um Fernão Lopes ou o que foi ainda com um Luís de Camões e só tornou a ser no século XIX, desde Herculano a Eça, em Portugal, ou a partir de Lima Barreto e Mário de Andrade, no Brasil. No desânimo geral que tomou o País, ninguém pensou nas possibilidades próprias e, no que respeita à filosofia, o ponto a que chegaram alguns dos melhores foi o de lamentar que não tivéssemos, em Portugal e no Brasil, condições que nos permitissem sermos cartesianistas ou kantistas: estes, os progressivos; os que rumavam contra se contentariam com tomismo.

É curioso, por exemplo, que ninguém se tenha impressionado com o entusiasmo peninsular, cristão, judaico e muçulmano, por Aristóteles, ou averiguado até que ponto viria esse entusiasmo de verem no grego menos o adversário de Platão do que o discípulo de Platão; curioso igualmente que ninguém tenha dado atenção, apesar de tanta coincidência de história e de temperamento, à filosofia dos empiristas ingleses e feito as necessárias ligações com um Duarte Pacheco ou um D. João de Castro, mas o mais curioso de tudo é

que se tenha descido um tão grande silêncio sobre a filosofia de um D. Duarte, de um Camões, de um Vieira, nos seus escritos de teoria da história e daquilo a que tão comodamente se chama profecia, e se tenha menosprezado a capacidade de pensamento de um Bruno ou de um Leonardo Coimbra e se oculte, sob o poeta, o que havia de pensamento filosófico em Fernando Pessoa.

A tentativa desesperada, e sem imaginação, de integrar à força Portugal na Europa e, no Brasil, a tentativa igualmente desesperada de abafar, sob a pseudocultura de um litoral europeizado, as forças que irromperam em Canudos fizeram que tratássemos com o maior desprezo o pouco de original que foi possível fazer-se e que, ao traçar os programas das Faculdades de Filosofia, do nosso lado, e das Faculdades de Letras, do lado de Portugal, não se tivesse dito nem palavra a respeito do desenvolvimento de uma filosofia nacional. Em nenhuma cadeira se tem de falar daqueles que tentaram dar consciência de si mesmo ao pensamento que nos é próprio; em nenhuma cadeira Ibéria existe, nem de uma costa nem de outra do Atlântico; em nenhuma cadeira se dá especial atenção às filosofias estrangeiras cujo estudo nos poderia ser de maior utilidade; em nenhuma cadeira se abrem horizontes e esperanças de futuro. A todos os inconvenientes que a Universidade tem em si própria, como instituição ultrapassada que é, somam-se os inconvenientes de, neste ponto, ser ela ainda antinacional; forma filósofos que nada têm a ver com o nosso ambiente, com as nossas aspirações e que, consciente ou inconscientemente, se vão portar toda a vida como europeus que tivessem nascido em lugar errado. E, no fundo, são as saudades de Paris e de Königsberg o que impede Mato Grosso e impede Moçambique.

Precisaríamos de fazer ver à gente moça, que, infelizmente, é sempre vítima dos velhos, que a nossa atividade filosófica se tem em primeiro lugar de alicerçar solidamente na experiência científica: ninguém devia poder tirar um curso de filosofia sem que tivesse trabalhado numa atividade científica, entendendo-se tudo o que há de diferente entre isto e o ter aprendido num manual, de cor, noções que são já, elas próprias, atrasadas e de segunda mão; era preciso que o nosso aprendiz de filósofo tivesse andado, ativamente, por salas de cálculo, por laboratórios, por observatórios; em segundo lugar, não se soltaria ninguém sem uma experiência igualmente ativa das nossas realidades sociais: numa Faculdade de Filosofia nossa, as Atas de Santo André, verdadeiramente entendidas, são mais importantes do que o *Discurso do Método*, e o mutirão mais fundamental que a Sorbonne; não teríamos igualmente nenhum receio de meter o nosso jovem pelos caminhos da teologia e da mística: primeiro, porque não há sem elas filosofia autêntica, depois porque por esses caminhos

andaram um S. João da Cruz ou um Sampaio Bruno; dos filósofos estrangeiros insistiríamos nos ingleses e, sobretudo, no problema que parece fundamental quanto a pensamento nosso: o das relações entre Aristóteles e Platão, que tão desgraçadamente tem dividido a filosofia católica. E acima de tudo, o que é exatamente o que menos se faz em ensino superior, deveríamos tirar da alma do aluno a sua nostalgia do estrangeiro e o absurdo namorar do que já está feito, quando temos pela frente a mais invejável das tarefas que jamais coube a um ser humano: a de formarmos com gente nova uma nação nova; e de dar, por ela, ao mundo um mundo novo.